

# A docência nas antigas colônias de imigrantes italianos do nordeste do Rio Grande do Sul, de 1920 a 1950: a história através das vozes/mídias

Jordana Wruck Timm<sup>1</sup>

Dr. Lúcio Kreutz<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo apresenta o processo de escolha/formação docente no contexto da italianidade. Para tanto se recorreu ao acervo de memória oral do ECIRS/UCS<sup>3</sup>, no qual, entre diversos materiais/documentos, constam trinta e três entrevistas, realizadas com descendentes de imigrantes italianos, que residiram naquela região, as quais abordam temas relacionados ao processo educacional. Destas, duas entrevistas serão utilizadas para a apresentação neste artigo, que mostram a escolha docente no período referido. Salienta-se a importância das mídias neste processo (tanto para a realização da pesquisa, quanto para o ensino de história), pois apesar de hoje as entrevistas estarem transcritas, este estudo só foi possível pelas mesmas terem sido gravadas em fitas cassetes, pois elas foram realizadas, no início da década de 1980 e, hoje, a maioria das entrevistadas são falecidas. Objetiva-se contribuir com a história e com a educação, trazendo a luz, fatos que marcaram o início das primeiras escolas para os descendentes de imigrantes italianos vindos para a referida região. A pesquisa permite concluir que a maioria destes professores não tinha formação específica para o magistério, normalmente eram escolhidos pela comunidade, pela origem (preferencialmente italiana), ou então, bastava ter um pouco mais de instrução para poderem assumir uma classe.

**Palavras-chaves:** Docência; História; Vozes/mídias; ECIRS; Italianidade.

## Abstract

I intend to present the process of choosing/teacher training in the context of Italian identity, for this I will use the collection of oral memory from ECIRS/UCS, in which, among various materials/documents it is included thirty interviews made with descendants of Italian Immigrants who lived in that region, the issues are related to the educational process. Three of these interviews will be used for presentation at this event, showing the choice of teachers in the period in question. It emphasizes the importance of media in this process (both for the research, and for the teaching of history), although today the interviews are transcribed, this study was only possible because they were recorded on cassette tapes as they were held in the early 1980s and today most interviewed are deceased. Have the objective of contributing to the history and education, bringing to light facts that marked the beginning of the first schools for the descendants of Italian Immigrants to that region. The research shows that most of these teachers had no specific training for teaching, they were usually chosen by the community, the origin (preferably Italian), or it was enough to have a little more instruction in order to take a class.

**Keywords:** Teaching; History; Voices/media; ECIRS; Italianity.

## Introdução

O presente artigo analisa narrativas de três professoras que iniciaram o exercício da docência nas décadas de 1930 e 1940, observando a formação que tinham para desempenhar tal ofício ou o que levou a tornarem-se professoras, sendo elas: Emma Nilza Citton Faccio, Nair Menogotto Pedreira Grandi (ambas de Antônio Prado) e Ida Menogotto Poletto (Caxias do Sul), cabendo salientar que estas entrevistas situam-se no contexto da italianidade e foram realizadas no final da década de 1980, sendo que constituem parte do Acervo de Memória Oral do ECIRS-UCS e que também se encontram transcritas, fazendo parte do mesmo acervo. Os dados completos das entrevistas selecionadas e que norteiam o presente texto são:

Emma Nilza Citton Faccio (Entrevista de número 8. Elaborada pela professora Corina Michelin Dotti. Antônio Prado); Não informado o dia e/ou ano de nascimento, apenas consta que no dia da entrevista estava com 62 anos; Começou a atuar em 1943/1944; também não consta o ano em que a entrevista foi realizada, mas há fortes indícios que tenha sido no final da década de 1980. Nair Menogotto Pedreira Grandi (Entrevista de número 16. Elaborada pela professora Corina Michelin Dotti. Antônio Prado); Nasceu em 1927 em Bento Gonçalves; Começou a atuar em 1943/1944; a entrevista foi realizada em 1988. Ida Menogotto Poletto (Entrevista de número 10. Elaborada pela professora Liane Beatriz Moretto Ribeiro. Caxias do Sul); Nasceu em 1915; Começou a atuar em 1930; a entrevista foi realizada em 1986.

Sobre as entrevistas e o acervo de memória do ECIRS, cabe salientar que são trinta depoimentos que compõe o referido projeto<sup>4</sup>, estes realizados com pessoas que viveram nas Antigas Colônias de Imigração Italiana, sendo que vinte e dois dos entrevistados exerceram a docência, mas para este texto usaremos as três entrevistas mencionadas anteriormente, pelo espaço para a escrita.

Em relação ao método, para chegar às conclusões que aqui serão apresentadas, iniciamos acessando as três entrevistas e fontes bibliográficas. Cabe mencionar que a pesquisa tem base na história cultural. No texto explicitamos como se formaram as primeiras escolas, qual o motivo/interesse pelas mesmas, quem exercia a docência (como era a formação docente, a escolha docente e qualificação após admissão) e ainda, a quem competia a responsabilidade financeira das escolas no referido período. De acordo com Fischer (2005, p.260), “[...] ao propor ouvir<sup>5</sup> histórias de pessoas-fonte, estaria creditando a elas, enquanto indivíduos, uma valiosa contribuição para o entendimento da realidade investigada, [...]”. Ainda nos remetemos às palavras de Le Goff (1996, p.473):

Não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: “estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória”<sup>6</sup>.

O texto implica o recurso aos conceitos de história cultural<sup>7</sup>, memórias, identidade e etnicidade, pois os mesmos auxiliam na conceituação teórica da temática proposta e para tal embasamento, recorreremos a Burke, Hunt, Le Goff, Hall, Pujadas, entre outros. Para a revisão de literatura, recorreremos às pesquisas de Thoen, Luchese, Kreutz e Grazziotin que também realizaram pesquisas nessa região e/ou período.

[...], memória e identidade assumem posições estruturais na sustentação do debate. Tempo, espaço e movimento, passam a compor expectativas essencialmente existenciais, especialmente nos quadros de re-simbolização e revalorização dos sentidos e funções culturais. Portanto, parece-nos que uma das chaves, de compreensão da situação atual das perspectivas historiográficas é o estudo da memória e da identidade. Claro está que esse estudo não mais poderá recorrer a memória como um ato apenas de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição do passado. Mas, deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização. (DIEHL, 2002, p.111-112)

A escolha pela temática justifica-se pelo entendimento de que pensar e falar na formação docente é fundamental, na medida em que a figura do professor é essencial para a educação, ainda, fizemos nossa, as palavras de Fischer (2005, p.9):

Escolhi pesquisar sobre a professora porque acredito, profundamente, na importância e força dessa mulher na ordem das coisas, na vida e na escola. Tal força assume maior poder na medida em que esta mulher professora percebe-se efetivamente reconhecida e legitimada, em seu múltiplos papéis na sociedade.

Nesse caso, o interesse é mostrar como se dava tal processo nas décadas de 1930 e 1940, mostrando as diferenças, como por exemplo: a questão dos concursos para a admissão dos professores, a formação docente para o exercício do magistério, caso não tivessem formação específica para o exercício da docência, como se tornaram professores? Por que e por quem eram escolhidos? Após a nomeação se qualificaram/buscaram melhorar o desempenho docente? A quem competia a responsabilidade financeira da escola nessa época? Com respostas a esses questionamentos, buscamos contribuir com a história da educação, trazendo à luz, fatos que marcaram o início das primeiras escolas para os descendentes de imigrantes italianos vindos para a região Nordeste do Rio Grande do Sul, nesse caso, mais precisamente as cidades de Caxias do Sul e Antônio Prado.

As três entrevistas selecionadas abordam as questões propostas nesse texto e permitem concluir que, ainda sem formação específica para a atuação docente, os professores eram escolhidos por ter uma maior instrução, esforço e/ou rendimento em sala de aula (enquanto alunos), e que a comunidade também influenciava, escolhendo e/ou indicando sua escolha, podendo ser observada a relevância pela origem italiana, porém, apesar da origem ser preferencialmente italiana, queriam que os professores ensinassem em português, já que esta "[...] era considerada por muitos uma necessidade para a convivência/sobrevivência na 'nova pátria'". (LUCHESE, 2011, p.318).

## As primeiras escolas

Segundo Bertelli (2008), os imigrantes italianos precisaram providenciar por conta própria, já que o governo não teve tal cuidado. Inicialmente as famílias procuravam instruir os filhos em casa, apenas os imigrantes poloneses tinham providenciado escolas que também foram frequentadas por filhos dos imigrantes italianos.

Mas a primeira necessidade dos imigrantes italianos não foi a escola, mas sim a prática de suas tradições religiosas, pensando assim em construir uma capela para que rezassem o terço aos domingos, substituindo a missa, uma vez que dispunham de poucos sacerdotes. Segundo Bertelli (2008, p.721):

O pessoal reunia-se e jogava "bochas" ou "mora" após a recitação do terço. Nas festas servia-se churrasco ao ar livre e vinho, única bebida que usavam. Se o tempo era bom a alegria era geral e contagiante, pois os homens jogavam e cantavam as tradicionais canções italianas, as mulheres se reuniam e falavam durante toda a tarde rodeadas pelas crianças pequenas. A criançada divertia-se recolhendo os "foguetes" que os fabriqueiros estouravam em sinal de festa.

E foi nesses encontros domingueiros que os colonos começaram a falar na "escola". O líder, Giácomo Sandri, analfabeto, não queria o mesmo para seus filhos e lançou a idéia de construir, ao lado da Igreja, uma escola (la scôla). Que maravilha! De madeira, telhado de tabuinhas, lá estava ela.

Entendo que a citação acima se refere à cidade de São Marcos, no entanto, nas demais cidades, as escolas para os italianos foram sendo construídas de tal forma. Eles queriam as escolas para que seus filhos não fossem analfabetos, como os demais da família, eles sentiam a necessidade dos filhos saberem ler, escrever e calcular, por conta da comunicação com os parentes distantes e das vendas de seus produtos. Esse interesse pode ser bem observado em trechos das narrativas das três professoras selecionadas:

Na linha Camargo não ensinavam jogos? "Na sala de aula não". "Só o ensino, os pais eram rigorosos, eles iam na aula, eles queriam que aprendesse ler, escrever e as contas e acabou. Eles não queriam brincadeiras na sala de aula".

O que a comunidade queria que ensinassem? "Ler, escrever, contas. Eles queriam contas, eles não queriam mais nada".

(Emma Nilza Citton Faccio)

Faziam desenho e educação física "Sim, eu dava, porque eu tinha os cadernos, quando que eu estudei em Vacaria, ainda tenho. Ginástica, então eu dizia: braços e pernas, tronco ...". E os pais gostavam que desse ginástica "Não muito, nem todos gostavam. Prá quê isso?". "Desenho não falavam. Eles que queriam, que faziam questão era matemática, e soubessem escrever o nome. Pronto. Sabia isso aí não precisava mais ir no colégio".

[...]

Como a senhora alfabetizava "Era ligar as vogais, no começo". "Eu dizia, esse é o "m". Eles tinham que gravar. esse é o "m", tem três

perninhas. Eu diferenciava o "m" do "n". Esse tem duas. O "m" com "a" fica "ma". O "n" com o "e" fica "ne" e vai indo. Primeiro ensinava todas as vogais, bem aprendidas, depois vinha as consoantes. Daí ajuntava". Quais os exercícios "A leitura, ditado, análise sintática, gramatical e exercícios, cópias". Faziam trabalhos em grupo "Não, não tinha nada de grupo comigo até que lectionei. Era individual. Juntas era a leitura, coletiva. Um começava, o outro continuava". Tinha leitura diariamente "Sagrada. E ditado, quase todos os dias também. Eles tinham que aprender na marra". "Sim, eu treinava de tudo o que era feito prá eles aprenderem e se saírem bem".

(Nair Menegotto Pedreira Grandi)

A professora ensinava bem "Úteis para a colônia. Eu achava, porque saber redigir bem uma carta já é muito interessante, importante para uma que mora na colônia. Saber fazer as contas da casa também é interessante, por exemplo, também saber medir uma coisa, saber quantos metros quadrados, quantos metros cúbicos, saber quantos litros cabiam num tal recipiente. Então isso era interessante e muito importante para a colônia".

(Ida Menegotto Poletto)

A dona Ida e dona Nair, ainda fazem referência de quando elas começaram a estudar, em relação aos conteúdos trabalhados em aula:

Começou a estudar? "Com 6 anos". "Em 1921, como aluna". "Na escola de São Luiz com um professor italiano, chamado Santo Serone. Eu estudei dois anos com ele. Mas agora para nós foi uma grande dificuldade depois, para poder se expressar na língua portuguesa, porque o professor falava tudo em italiano, e nós estudávamos o português, quase que não se entendia". A escola era? "(...), escola do município". O nome da escola? "Sempre foi 7 de Setembro". "Alfabetizava em português e ele falava conosco tudo em italiano. Então, ficava uma grande dificuldade para depois entender o português. Porque nós em casa não se falava em português. Se falava tudo em italiano. Só que não era a língua italiana, era, como é que se diz...era...". "Ele não fazia ditado. A única coisa que ele ensinava, ensinava alfabetizava só e ensinava escrever. Ele passava uma linha nós copiava igual. Era a única coisa que ele ensinava". "Em português. E depois números, continhas, mal e mal somar, diminuir um pouquinho. Sim porque, depois também eu fui dois anos não podia pretender de fazer ditado, fazer outras coisas". "Só alfabetizar. E ensinava escrever letras. A única coisa que ele passava. Nem cópia se fazia. Só ele passava uma linha e nós fazíamos igual uma caligrafia". "Sempre em italiano". Este professor sabia o português "Eu acho que ele sabia talvez, mas como nós também se entendia pouco em português então eu acho que ele achava melhor falar em italiano. Que se ele tivesse falado em português como depois nós tivemos uma outra professora que falava tudo em português ali depois nós tivemos grande dificuldades em poder fazer por exemplo, uma descrição, uma redação. Para nós a maior dificuldade era aquela. Porque em casa se falava em italiano. Ia no colégio também não ensinava em português, não falava, o professor em português e depois a outra professora nos obrigou a falar português".

(Ida Menegotto Poletto)

O que seus pais queriam que aprendesse "Todos os dias minha mãe, como foi professora, ela olhava meus temas, me ajudava, principalmente na matemática que sempre fui muito fraca". "Eles queriam muito a leitura, que a gente soubesse falar". "(...)Meu pai sempre dizia: aprende a fazer contas minha filha porque se tu não abe fazer contas ou outros te logram".

(Nair Menegotto Pedreira Grandi)

## O docente e a docência: formação, escolha e a qualificação após admissão

Emma Nilza Citton Faccio frequentou o “Grupo Escolar” por sete anos, tendo estudado até a sexta série, em um ano foi reprovada.

Freqüentou a escola “Sete anos”. “No Grupo Escolar”. A primeira professora “Madalena Menegusso, foi e tinha a professora Maria Filini”. E quando terminou “Eu fiz até a sexta série e rodei só um ano”. E o livro que era considerao o término “Não lembro mais o nome do livro. Mas tinha um livro que era só para a leitura, e quem sabia aquele livro já tinha terminado. E tinha o manuscrito também. O manuscrito era um livro que tinha todas as letras do ABC, assim em manuscrito mesmo, e a gente preenchia do lado. É a coisa mais linda aquele livro”. “Eu sempre gostei de estudar, mas não deixaram a gente estudar. Eu sempre digo se tivesse me deixado estudar, eu não estava nessa situação que estou aqui, eu não estava aqui em Antônio Prado eu acho”. “Ido prá fora, trabalhar, lecionar...”.

Ida Menegotto Poletto não deixa evidente até que série estudou, mas em seus relatos diz ter estudado durante seis anos e quando começaria a estudar um novo ano (fez um mês) teve sua nomeação efetivada. Pelos relatos é possível concluir que também estudou até a sexta série.

Começou a estudar “Com 6 anos”. “Em 1921, como aluna”. “Na escola de São Luiz com um professor italiano, chamado Santo Serone. [...]. Participou 2 anos nas aulas deste professor, Santo Serone. “A escola de São Luiz então veio uma professora que se chamava Celestina Pezzi Rech, aquela sim ela tinha interesse em que nós aprendêssemos a falar o português, ela ensinava tudo em português mas, ali nós tínhamos muita dificuldade em se defender no português. Tanto no falar como no se expressar, fazer a reprodução de texto essas coisas. Nós tínhamos muitas dificuldades”. “Então ela obrigava a nós falar português”. Os pais em relação a nova professora “Gostavam muito dessa professora”. “Ali então todos freqüentavam a escola”.

Nair Menogotto Pedreira Grandi relatou: “Comecei com 6 anos e estudei até 16 anos”. Onde concluiu “Em Vacaria. Não conclui. Fiz o 1º ano complementar, depois faleceu meu pai e minha mãe, sozinha disse minha filha fica em casa”. “(...) com mais dois anos eu estaria formada”.

Como pode ser percebido, elas não tinham formação específica para o exercício da docência, aliás, tinham formação mínima. Thoen (2011, p. 114) afirma que, “embora as prescrições do período solicitassem/exigissem o concurso para a efetivação dos professores, alguns professores da Região Colonial Italiana ingressaram na profissão sem formação específica, tampouco sem concurso”. Então, se eles não tinham formação para atuarem em uma sala de aula, como conseguiram a nomeação? É preciso lembrar que a carência de professores formados, dispostos a trabalhar nessas localidades do interior, era grande, por isso as comunidades escolhiam os que lhes pareciam ser os mais preparados para a função. Luchese (2007, p.365-371) defende que:

Muitas das designações foram feitas por indicação das próprias famílias, da disposição de alguns candidatos a assumirem o cargo ou mesmo por amizades políticas. Contavam a preparação, os conhecimentos escolares adquiridos, a disponibilidade, a proximidade com o local das aulas, entre outros.

Sem formação específica, muitas vezes nomeadas por indicação e/ou interferência de alguém da comunidade, ou ainda por outros fatores citados anteriormente, as entrevistadas foram questionadas a respeito de terem se qualificado após a nomeação, onde as seguintes respostas foram obtidas:

"Eram feitos cursos nas férias? "Faziam sim". Quem dava os cursos?" "As professoras do grupo". "Quem ficava com a melhor nota, tinha a melhor escola". Em outro momento que a Sra. Emma lecionou na linha Camargo "Quando entrou a dona Vanda de coordenadora que ela promoveu os cursos pra nós fazer, e as reuniões. Aí nós tinha reuniões e depois continuou". "Davam o programa". Depois tinha que seguir "A matéria que tinha no programa". "(...)porque se tu não davas aquilo lá, que vinha a prova e que eles não sabiam responder, o que que ia ser depois". "(...)as provas vinham feitas da Prefeitura".

(Emma Nilza Citton Faccio)

Nair Menogotto Pedreira Grandi alega não ter feito curso de aperfeiçoamento no início da docência, apenas mais tarde, quando passou a lecionar no Zaccani, mas cabe mencionar outro relato que vai de encontro com o que é colocado pelas demais entrevistadas:

A senhora preparava as aulas "Sim. Sempre fui muito de preparar tudo o que que passar aos alunos. Na época vinha o falecido Mauro Castro, que era o inspetor. Então quando diziam que vinha o Mauro Castro, pelo amor de Deus! Até eu preparava uma série de perguntas que achava que ele ia fazer para as crianças e tenho essas perguntas lá em casa, só não tenho a data". "Na primeira escola que eu fui, na Linha Gomercindo, na época teve uma exposição. Então o que a gente ia fazer? Então esse Mauro Castro veio lá e disse...". Quem promoveu a exposição "Acho que a prefeitura".

[...]

A comissão controlava o seu trabalho "Sim, uma vez por ano só". Pelo rendimento dos alunos "Claro, depois eles faziam as provas, na prefeitura elaboravam as provas e vinham no colégio e aplicavam".

[...]

Quem que elaborava o programa de aula "A prefeitura". Seguiam tudo o que estava no programa "Sim. A gente respeitava porque no fim vinha as provas elaboradas, e lá vamos que...". Ensinavam algo que estava fora do programa "Dava. Eu também ensinava as regras de educação". Quais as matérias oferecidas pelo programa "Português, matemática, geografia, história, ciências, educação física, desenho, religião".

(Nair Menogotto Pedreira Grandi)

Em relação aos cursos para complementar a formação "Tinha. Uma vez teve um curso, mas depois eu nem fui fazer porque estava grávida não podia fazer. Quando no fim nem fui \_requentar o curso".

A Sra. Sentia a necessidade de estudar um pouco mais para ensinar

"Eu às vezes sentia assim necessidade, então eu pegava um livro, por exemplo, de domingo algumas horas vagas que eu tinha eu tinha eu estudava algumas coisas para dar a mais assim para os alunos. Eu achava que precisava de mais coisas.

(Ida Menegotto Poletto)

Em ambos os relatos nota-se que eram oferecidos cursos, no entanto, nos mesmos a abordagem se referia aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula com os alunos. Em determinado tempo, as coordenadoras faziam supervisão nas escolas, as provas eram as professoras que aplicavam, porém eram feitas pela prefeitura, e o resultado obtido pelos alunos, auxiliava na verificação do trabalho da professora, pois ela estaria "qualificada" para ensinar (já que os cursos a preparavam) e os alunos deveriam saber determinados conteúdos (de acordo com o rendimento na prova). Essa situação gerava momentos de tensão entre ambas as partes (alunos e professores). Como escreve Fischer (2005, p.155-156):

Detenho-me aqui exclusivamente à questão referente às "provas finais", por ter este tema se transformado num verdadeiro acontecimento ao longo das falas de minhas entrevistadas. Introduzidas em 1942, tais provas vieram a constituir-se em instrumentos de verificação do rendimento escolar, aplicados ao término de cada ano letivo em todas as escolas públicas estaduais gaúchas.

[...].

As *provas prontas* podem ser aqui configuradas como "práticas divisórias", onde a superposição das relações de saber e poder se expressam de forma exemplar. Enunciados advindos do campo científico justificam práticas de orientação técnica, classificando os indivíduos (alunos e professoras), alocando-os conforme os resultados alcançados. (FISCHER, 2005, p.169)

Não obstante haver feito anteriormente referência a esse assunto, interessa especificar aqui o motivo que levou essas duas professoras a serem escolhidas, já que não tinham formação específica pra atuar na docência. Dona Emma Nilza Citton Faccio relata:

[...] Freqüentou a escola? "Sete anos". "No Grupo Escolar". A primeira professora "Madalena Menegusso, foi e tinha a professora Maria Filini". E quando terminou "Eu fiz até a sexta série e rodei só um ano".

Quando começou a lecionar? "Não sei se foi em 43 ou 44". "Quem me convidou foi o Zanardi, meu primo". E o Zanardi "Ele veio aqui substituir o Prefeito". "Um dia ele veio lá no meu pai e falando eu disse: eu quero que tu me arrume uma aula prá mim lecionar. Ele disse: Vou te arrumar, tu vem lá fazer um teste que ja vou te fazer uma nomeação. Na Prefeitura se não me engano foi a primeira professora nomeada, efetiva".

[...] As famílias gostavam que fosse de origem italiana.

Era sempre convidada para as festinhas de aniversário. E para os casamentos "Sempre fui convidada". "Ajudava assim a fazer os doces, bolos, o quer era preciso fazer eu fazia". Era procurada em caso de doença "Por doença também, por doença fazer injeção. Eu sempre fiz injeção desde nova". As famílias gostavam que fosse de origem italiana "Eles gostavam, porque lá onde a gente parava nas casas, de

vez em quando a gente falava com as crianças que vinha prá aula em português, mas com os pais a gente falava em italiano”.

E, dona Ida Menogotto Poletto alega:

A Dona Alice lá em casa. [...] na escola no fim do ano nós tínhamos um exame que era como era que se dizia...que era o dia do encerramento”. “[...] eu fui prestar exames e fui aprovada para ser professora então, assumi eu. Lá na sociedade, lá na comunidade todo mundo então insistiram que eu assumisse”. “Em 1930, em fevereiro. E eu prestei aquele exame passei. Nunca mais fiz exame nada”. “A comunidade mesmo que fez força ali para que eu assumisse. Porque eu era uma de lá, da comunidade eles gostavam. [...]eu não tinha nem 15 anos ainda completos.. A pessoa que sugeria que prestasse exame “Agora, foi essa mesma, essa Dona Alice”. “Ela era como eu posso dizer. Inspetora eu acho, lá da prefeitura orientadora”. “Ela achava que eu era hábil para ser professora”.

[...]

E com a saída da outra professora será que os pais gostaram que fosse alguém do lugar, da própria comunidade “De lá. Acho que foi isso. Que todo mundo gostou que eu assumi”. “Mais do que uma de fora. Depois como, por exemplo, com essa professora diminuíram o número de alunos. Quando eu assumi, já assumi com mais alunos logo. Com 60 alunos logo eu”. “É notar que com essa professora que eles tinham muitos alunos vem a Silva diminui. Eu assumi começou aumentar de novo”. “Não sei se tem alguma restrição, por que ela era de origem brasileira, pode ser isso. Não sei dizer”.

Nair Menogotto Pedreira Grandi explica:

Quando começou a lecionar “Quando fiz aquele concurso que tirei o primeiro lugar, aí me deram prá mim escolher e fui lecionar na Linha Gomercindo. A escola era São Paulo”. “Estudei até 16 anos. não tinha nem 17 anos. Era nova”. “tinha uns 30 a 35 alunos de todas as classes de 1ª a 5ª série”.

Nos dois casos é possível identificar a interferência/intervenção da comunidade, a escolha pela origem italiana, no primeiro caso a questão familiar e política prevaleceu, já que teve a indicação feita pelo primo e esse estava na condição de substituto do prefeito. No segundo caso, enquanto aluna, dona Ida era considerada hábil para exercer o ofício de docente. Sobre isso, Pujadas (1993, p.11) defende:

La ciudad ha sido tomada como escenario de la diversidad sociocultural, de los contrastes y de las confrontaciones entre grupos conscientemente separados por un sentimiento de pertenencia restringido, que los identificaba frente a otros. La necesidad de buscar situaciones empíricas de contraste entre grupos nos remite a otro problema teórico de tipo circular; esto es que no hay posible conceptualización de la existencia de grupos étnicos, si no es en situaciones de contraste.

## Comunidade ou município, de quem era a responsabilidade?

Iniciamos abordando a relação que essas professoras tinham com a comunidade, segundo a dona Emma Nilza Citton Faccio

Conhecia todas as famílias dos alunos. [...]. Visitava as famílias

"Sempre eu ia, nos domingos, nos sábados". "Eu me dou com todos". Quando ia nas famílias não fazia queixa dos alunos. [...]. Eu parei dois anos na casa do Marim e depois esse Fasolo, esse pai desse professor ele fez questão que eu fosse parar na casa dele por causa das moças que uma tinha namorado e elas queriam aprender a bordar. Então de noite eu ajudava elas no bordado". "(...) quando no domingo eu dizia eu vou na casa dos Santinon, eu vou na casa dos Dal Belos, ou vou na casa do Ernesto Marcon, eles me esperavam com mil e uma coisa". Os pais não se metiam na escola "Não, eles não se metiam na escola. Eles só queriam que a professora desse sua aula, e que não faltasse. A gente não podia faltar, porque faltando eles já se queixavam". "Vinham reclamar com o Prefeito".

Era sempre convidada para as festinhas de aniversário. E para os casamentos "Sempre fui convidada". "Ajudava assim a fazer os doces, bolos, o que era preciso fazer eu fazia". Era procurada em caso de doença "Por doença também, por doença fazer injeção. Eu sempre fiz injeção desde nova". As famílias gostavam que fosse de origem italiana "Eles gostavam, porque lá onde a gente parava nas casas, de vez em quando a gente falava com as crianças que vinha prá aula em português, mas com os pais a gente falava em italiano". Quando as crianças faltavam muito ia falar com as famílias "Nós ia falar prá eles mandarem, porque precisava". "Era orientação do Prefeito".

"Então todos os pais que estavam lá presentes, porque os pais vinham assistir os exames, aí a gente ia, ou era almoço, ou era café da tarde. Se era de manhã então eles marcavam numa família, então tal família saía prá fazer o almoço". "Toda a comunidade se ajudava entre eles., porque num ano era numa família, outro ano era numa outra família". A comunidade fazia questão da escola "Faziam questão, gostavam da escola". O que a comunidade queria que ensinassem "Ler, escrever, contas. Eles queriam contas, eles não queriam mais nada". Lecionei lá no Trinta e lá as família exigiam muito "eram medonhos, eu nunca me esqueço, eles achavam que a gente devia trabalhar o dobro do que a gente trabalhava dentro da sala de aula. Nunca estavam contentes, apesar que as filhas deles todas estão bem colocadas, todos estudaram comigo até a 6ª série. E todas casaram bem, estão todas bem colocadas". "Eles achavam que a gente dava na aula era pouco, que tinha que se esforçar mais, tinha que dar mais". Vinham dar bilhetes e recados de reclamação "(...)sem a gente perceber eles vinham dar queixa". "Na Prefeitura". "Prá mim, não. Não me diziam nada".

Nair revela:

Onde se hospedou quando foi lecionar na linha Gomercindo "Na família Sandi, gente muito boa". "Lecionava na parte da tarde e de manhã, ajudava a fazer os serviços de casa". "(...) Eu ficava em casa, estendia as camas, varria a casa. [...]. "Muita bem tratada, pelo amor de Deus! [...]. Gente boníssima. [...]" "Quando os pais vinham e me diziam: meu filho esta aprendendo, estou contente, a senhora, seja severa, se precisar castigar a senhora castiga, porque eu fui uma professora assim: no recreio eu era criança. Eu brincava com meus alunos, de corda, de tana, de tudo. Eu era companheira deles, de todos. Agora, eu entrava porta a dentro já eu era professora. Daí não mostrava os dentes prá ninguém. Quando eles começavam com gracinhas, qualquer coisa, eu só olhava, bem séria, não precisava mais nada". Com as famílias na escola da linha Gomercindo "(...) Lá a gente se visitava. Essa é a professora. Na igreja, aos domingos, a gente se

encontrava e então diziam: essa é a professora. Eles diziam: essa l'è la maestra. Come va el em fiol e tal... ele incomoda muito? estou contente porque ele está aprendendo. Vinha outra. O meu cabeçudo, não aprende, todas aquelas coisas". Reunia as famílias [...]. Os pais opinavam no que deveria ser ensinado "Sim. Às vezes eles vinham e diziam, a senhora notou que meu filho na matemática está fraco. Notei. O que fazer? O senhor tenha paciência, estamos lutando, vou fazer de tudo prá ele. Então eu tinha que dizer que ele se distraia no colégio. Eles não em davam contra". "(...). O que eles falavam é que quando sabiam escrever, assinar o nome e soubessem fazer contas". A senhora era bem aceita na escola da comunidade "Sim, sempre fui bem vista. [...]. Ali na Salete também, já que tu falas que me queriam bem, tinha uma família que todo dia a menina me trazia merenda prá mim. A mãe dela dizia: eu faço pão em casa e faço salame em casa, a senhora não se preocupa que a merenda todo dia eu lhe mando. Todo dia a menina vinha com a merenda. Então eu levava presente também. E outras, até hoje, eu falei com a Cortuniere, ela era Cortuiniere, ela é irmã hoje, é a Della Giustina, a freira. Ela me trazia as cestinhas de amora do mato. Coisa mais gostosa!". "É, de presente. E flores... em setembro quando começava aquela florzinha lilás, que tem aquele perfume, era todo dia flores, flores que as crianças em traziam. Me adoravam". Prestava algum serviço pra comunidade "Sim. Cartas, pro exemplo, vinham moças prá que eu escrevesse pros namorados. Vinha gente que pedia o percentual do juro, fazer as contas que não sabiam. Ajudei muito. sempre estava disposta a ajudar". "(...). Depois os tempos mudaram, o pessoal estudou mais, aí não necessitavam mais tanto do professor".

[...]. "Fazia reuniões, mas poucas, porque o pessoal sempre ocupado em trabalho, as mães com os filhos, o pai na roça". Quantas vezes por ano "Uma duas ou três. Antes dos exames, no dia do exame levava os doces prá lá...". os pais iam na escola de propósito só para falar com a professora "Não. Acho que naquela época não. Eles achavam que vir na escola incomodasse, tenho impressão. Às vezes, que eu lembro, mais na Linha Salete, o recreio era de 15 minutos, e muitos pais não queriam o recreio para os filhos, porque brincar. Eu mando meu filho no colégio para aprender. Não é para brincar. Mas eles precisam descansar um pouco a mente eu dizia". [...] Ali no Borgo Forte eu fazia as refeições, numa senhora, muito querida, eu queria muito bem. Existe ainda o filho dela, ela era Zanella". No final do ano depois dos exames tinha alguma premiação "Não tinha. Só 1º lugar com tal nota, 2º lugar com tal nota". "Sempre com nota ou conceito também. Ultimamente era: muito bem, ótimo, e sempre aquela observação capriche mais".

### Segundo relatos de dona Ida Menegotto Poletto:

"Os pais construíram a escola, uma casinha para a professora morar. Tudo construído pela sociedade. Quando no fim era patrimônio dos próprios alunos, dos pais". "E eles cuidavam bem, porque qualquer coisa que estragassem, qualquer coisa que não era nada com a professora". Os pais gostavam daquilo que a professora ensinava "muitos satisfeitos com aquilo que a professora ensinava, por exemplo, na colônia nós ensinávamos geometria, então, eles gostavam muito que nós aprendêssemos, por exemplo, de uma pipa de vinho, saber tirar as pipas numa outra, essas coisas. E ela ensinava juro, nós sabíamos fazer as contas bem direito, eles gostavam muito porque a professora ensinava bastante nessas coisas mesmo. Era muito, ensinava muita coisa útil para a colônia". De agora em diante os relatos já serão de quando a Sra. Ida Menegotto Poletto lecionava, não mais como aluna. E com a saída da outra professora será que os pais gostaram que fosse alguém do lugar, da própria comunidade "De lá. Acho que foi isso. Que todo mundo gostou que eu assumi". "Mais do que uma de fora. Depois como, por exemplo, com essa professora diminuíram o número de alunos. Quando eu assumi, já assumi com mais alunos logo. Com 60 alunos logo eu". "É notar que com essa professora que eles tinham muitos alunos vem a Silva diminui. Eu assumi começou aumentar de novo". "Não sei se tem alguma restrição, por que ela era de origem

brasileira, pode ser isso. Não sei dizer". Os pais gostavam da forma que a professora ensinava "Gostavam, gostavam muito. Eu sempre tive na base de 60, 65 alunos". "Eu acho que sim. Depois também os pais sabe que tinha muito interesse, respeito com a professora e exigiam dos filhos que respeitassem a professora. Isso era importante. "Eu sim conhecia todas as famílias porque eu nasci aqui nessa comunidade então, conhecia todos". A professora anterior, Silvia Ela não conhecia ninguém. A única família que ela conhecia era nós porque ela morava lá. Senão ela não tinha conhecimentos das famílias". "Não, eu acho que ela nunca foi visitar uma família, nunca, nunca não saía de casa". A senhora se achava uma pessoa importante na comunidade? Eles que me achavam importante". "Eu gostava. Eu achava que também não era muito, por mim não era uma coisa, me parece grande. Eu achava que era uma coisa útil, interessante, que precisava". Em relação a conversa com a família dos alunos "De vez enquanto eu procurava. Eu conhecia quase todos, muitos parentes também. E olha todos os Bisol, ao Conser, os Demori eram todos parentes". Conversavam ... "A sobre os alunos, como se comportavam, se estudavam bem, se se comportavam bem". Se os pais estavam satisfeitos "Procurava isso. Para ver se eles estavam satisfeitos, se queriam alguma coisa diferente". Não sugeriram ensinar outras coisas "Não. Não nunca sugeriram".

[...].

"Os pais recomendavam muito. Os pais eram a favor dos professores". "Aquilo que os professores faziam achavam que era certo e achavam que os filhos deviam fazer e obedecer". Convidavam para as festas, casamento? "Nem sempre"

A relação escola-comunidade perpassava os espaços escolares, o professor era bem visto e procurava auxiliar em outros momentos, além do ensino. No entanto, respondendo a questão colocada como subtítulo, no início, quando o governo não tinha pensado nas escolas para os filhos dos imigrantes italianos, a comunidade deu início ao trabalho, a ela cabia a responsabilidade de manter a escola e também a professora, tendo o direito assim de escolher a mesma, depois de um tempo os imigrantes queriam que o governo assumisse tal responsabilidade, no entanto continuavam a interferir nas escolhas e a manutenção da escola continuava por conta deles, muitas vezes as professoras contratadas não eram do agrado da comunidade, nesse caso eles paravam de mandar os filhos à escola, até que seus pedidos fossem atendidos. De acordo com a dona Ida Menogotto Poletto:

"Os pais construíram a escola, uma casinha para a professora morar. Tudo construído pela sociedade. Quando no fim era patrimônio dos próprios alunos, dos pais". "E eles cuidavam bem, porque qualquer coisa que estragassem, qualquer coisa que não era nada com a professora".

[...] "Quem pagava era prefeitura. A prefeitura pagava alguma coisa, um tanto por mês, [...]".

Segundo relatos de dona Emma Nilza Citton Faccio, quem mandava na escola era a comunidade, e quem pagava os professores era a prefeitura.

## Conclusões

Salientamos a importância das mídias neste processo (tanto para a realização da pesquisa, quanto para o ensino de história), pois apesar de hoje as entrevistas estarem transcritas, este estudo só foi possível pelo fato de as mesmas terem sido gravadas em fitas cassetes. As entrevistas foram realizadas na década de 1980 e, hoje, a maior parte das entrevistadas são falecidas.

A pesquisa, tendo por base as três professoras entrevistadas e o período (1930-1940), permite concluir que ambas não tinham formação específica para o magistério, prestaram exames para atuarem em escolas municipais, mas os mesmos eram concedidos mediante interferência/indicação da comunidade que tinham suas preferências (principalmente pela origem italiana). É importante abordar a questão do narrar suas histórias, que segundo Diehl (2002, p. 101) “[...] a tarefa da narrativa não é apenas a restauração do idêntico esquecido, mas a possibilidade do diferente”, o narrar permite revivermos momentos, momentos passados que ressurgem através das memórias, nesse sentido e de acordo com as entrevistas aqui utilizadas, nos remetemos a Bosi (1994), que defende que sem as memórias das pessoas de mais idade, de pessoas com mais experiências, poderíamos nos isolar de reviver o passado, de reviver o que se perdeu, histórias e tradições. Encerramos, fazendo nossas as palavras de Fischer (2005, p.10) “[...] – e fazendo da pesquisa, mais do que um exercício acadêmico, um compromisso político – continuo apostando no potencial da memória coletiva como meio eficaz para a divulgação das tramas que a todos nos envolvem”.

## Referências Bibliográficas

- BERTELLI, Arilde Cecília Chemello. Escolas de São Marcos 1900-2005: um século de cultura. Suliane Letra e Vida: Porto Alegre, 2008.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAND, Antônio. História oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. In: História – UNISINOS, v.4, n.2, 2000, p.195-229.
- BURKE, Peter. O que é história cultural? Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DIEHL, Astor Antônio. Cultura historiográfica: memória, etnicidade e representação. Cultura historiográfica. Bauru/SP: EDUSC, 2002.
- FACCIO, Emma Nilza Citton. Entrevistas sobre a escolarização de imigrantes italianos – RS (região Nordeste do estado). Antônio Prado, ECIRS/UCS, década de 1980. Entrevista concedida a Corina Michelin Dotti. [entrevista transcrita].
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. Professoras: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva, 2005.
- GRANDI, Nair Menegotto Pedreira. Entrevistas sobre a escolarização de imigrantes italianos – RS (região Nordeste do estado). Antônio Prado, ECIRS/UCS, década de 1980. Entrevista concedida a Corina Michelin Dotti. [entrevista transcrita].
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; KREUTZ, Lúcio. Processo de escolarização e formação docente dos professores nas Antigas Colônias de Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul (1920 a 1940). In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, VIII, 2010, ISBN: 978-85-7862-138-4.

São Luís – Maranhão. Anais. São Luís: [s.ed.], 2010. 1-18.

HUNT, Lynn. A nova história cultural. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão... [et. al.]. 4ª ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1996.

LUCHESE, Terciane Ângela. O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do RS – 1875 a 1930: *Leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita*. 2007. Tese (Doutrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

\_\_\_\_\_, Terciane Ângela. As escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do Sul: o olhar dos cônsules e agentes consulares. In: LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio (orgs.). *Imigração e Educação no Brasil: Histórias, Práticas e Processos Escolares*. Santa Maria: UFSM, 2011.

POLETO, Ida Menogotto. Entrevistas sobre a escolarização de imigrantes italianos – RS (região Nordeste do estado). Caxias do Sul, ECIRS/UCS, 1986. Entrevista concedida a Liane Beatriz Moretto Ribeiro. [entrevista transcrita].

PUJADAS, Joan Josep. *Etnicidad: identidad cultural de los pueblos*. Madrid: Eudema Antropologia Horizontes, 1993.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. A cultura da imigração italiana. In: *Revista da Universidade de Caxias do Sul. 120 Anos de Imigração Italiana. Chronos*. Caxias do Sul: EDUCS: v.29, n1, p.1-128, jan/jun 1996.

THOEN, Carla Fernanda Carvalho. *Representações sobre etnicidade e cultura escolar nas Antigas Colônias de Imigração Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (1905 a 1950)*. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, 2011.

## Notas

1 Autora. Mestranda em Educação (UCS), na linha de pesquisa História e Filosofia da Educação. Graduada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia. E-mail: jordanawruck@hotmail.com

2 Artigo orientado pelo professor Dr. Lúcio Kreutz.

3 Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas da Região Nordeste do Rio Grande do Sul/ Universidade de Caxias do Sul.

4 O ECIRS é um projeto. Mas, cabe salientar as palavras de José Clemente Pozenato que resumiu o perfil do projeto ECIRS para ser publicado por Ribeiro (1996, p.103), “embora se designe como projeto, o ECIRS é na realidade um programa de trabalho, que se diversifica e expande em variadas atividades e subprojetos, buscando corresponder a sempre novas solicitações e necessidades.

5 Ouvir, nesse caso, não nos referimos, necessariamente, a questão oral/falada, mas de nos inteirar com as narrativas que estão transcritas, com os relatos das pessoas.

6 Grifo do autor.

7 De acordo com Burke (2005, p.43), “o termo cultura [...]. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)”.